Assassinato na Colina D: (Edição BLACK) (Akechi Kogoro)

Ranpo Edogawa

VISIT...

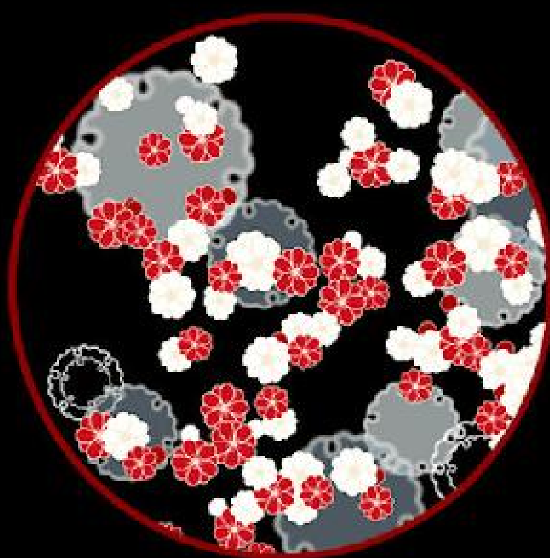
LANZAROTE Caliente.COM

Assassinato na Colina D: (Edição BLACK) (Akechi Kogoro)

Ranpo Edogawa

Assassinato na Colina D

D坂の殺人事件



江戸川乱歩

EDOGAWA RANPO

LITERA

Assassinato na Colina D

Título original

Ｄ坂の殺人事件 (D-zaka no Satsujin Jiken)

Ranpo, Edogawa, 1894 — 1965

Assassinato na Colina D — Contos de Akechi Kogoro #1 / Edogawa Ranpo ; tradução de Victor Ferreira.

Tradução de: Ｄ坂の殺人事件

[2022]

Todos os direitos desta edição reservados a

Victor Ferreira.

Parte 1: Os Fatos

Parte 2: A Dedução

Sobre o autor

Parte 1: Os Fatos

Era uma tarde quente e úmida no meio de setembro. Eu estava bebendo café gelado em minha cafeteria predileta, Hakubaken, no centro da avenida principal da Colina D. Nesta época, eu havia acabado de largar os estudos e ainda não tinha um trabalho, então, ia a uma pensão e lia alguns livros, ou, se estivesse muito cansado disso, caminhava um pouco e ia a uma cafeteria que não fosse muito cara. Hakubaken ficava próxima à pensão, então sempre passava em frente ao local quando fazia uma caminhada, implicando que fosse a que eu mais frequentasse. Geralmente ficava por um tempo e bebericava uma ou duas xícaras de café, primeiramente por ser uma pessoa de pouco apetite, porém, também não possuía dinheiro o bastante para pagar por uma refeição. Permanecia no local por algumas horas, embora não fosse muito amigo de nenhuma das garçonetes. A cafeteria apenas fornecia um ambiente mais agradável e iluminado para sentar-me que minhas estalagens. Aquela tarde úmida fora como outra qualquer. Eu estava sentado em meu habitual assento de frente para a rua, bebericando meu café gelado por cerca de dez minutos enquanto languidamente espiava pela janela.

Recentemente, a Colina D tornou-se uma cidade grande e agitada, mas, durante sua expansão, muitas das lojas que antes existiam no

local, agora haviam sido fechadas ou relocadas para outra parte da cidade, deixando lotes vagos em ambos os lados da rua, tornando-a um pouco deserta. Diretamente do outro lado da rua, em frente ao Hakubaken, havia uma gasta livraria de segunda mão, que era objeto de certos olhares vagos nos últimos dez minutos. Em circunstâncias usuais, eu não voltaria novamente meu olhar a ela, porém, recentemente, havia descoberto que a esposa do dono da livraria era uma amiga de infância de Akechi Kogoro, um recém-conhecido que deixou certa impressão em mim. Ele havia uma personalidade e tanto, com um feroz intelecto e uma paixão por romances policiais. Pelo que me lembro das duas ou três vezes que fui àquela livraria, a esposa do dono era uma bela dama e, embora seja difícil indicar o que exatamente a tornava tão atraente, ainda possuía um charme sensual que atraía os homens. Ela sempre cuidava da livraria durante o início da tarde, o que significa que ainda deve estar por lá, e eu observava se ela sairia até a frente da loja.

Mas, durante estes dez minutos ela não havia deixado a loja por onde eu pudesse vê-la, nem mesmo algum cliente entrou ou saiu, então eu desisti e redirecionei meu olhar à relojoaria ao lado.

Repentinamente, na livraria, eu vi o buraco da porta que conectava os fundos da loja à parte dianteira bater com força por dentro. Você deve estar se perguntando que tipo de porta teria um buraco no meio; bem, era o tipo de porta que um carpinteiro chamaria de portas de “ripas duplas”, onde a grande parte central da porta que normalmente tem papel colado através dela é substituída por uma grade de dupla camada com estrutura de madeira. Cada estrutura tem aproximadamente 5 centímetros de largura, e as duas camadas da grande podem ser feitas tanto para alinhar, permitindo que o dono da loja vigiasse a loja através dos vãos na grade, ou feitas para se sobrepor, criando uma tela de madeira pela qual não é possível se ver através. Como acabara de ser fechada, seja lá quem estivesse no escritório dos fundos não seria capaz de checar a loja pela porta, o que era muito estranho. Além de ser um convite a larápios, também evitaria que ar fluísse pela loja, tornando o escritório dos fundos desconfortavelmente abafado. Quanto mais pensava sobre isso, mais incomum parecia, e notei-me incapaz de desviar o olhar da livraria. Sentia que algo fora do comum acontecia por lá.

Pensando na mulher na loja, lembrei-me de certos rumores que circulavam sobre ela entre as garçonetes do Hakubaken. Elas dizem que, quando encontraram-se acidentalmente com ela na casa de banho, todas notaram que seu corpo estava coberto de contusões, como se ela houvesse sido golpeada diversas vezes, embora

aparentemente não houvesse discussões entre ela e o marido, o que o tornava quase impossível de ser considerado responsável. Outra das garçonetes viu que a esposa do dono da loja de rámen, a duas portas da livraria, também estava repleta do mesmo tipo de ferimentos. Presumi que, se os boatos forem verdadeiros, apenas mostravam a crueldade de seus maridos, e não ponderei mais sobre isso. Infelizmente, leitores, eu estava muito errado sobre isso; como notarão, estas marcas eram a chave para tudo o que se seguira.

Desta forma, observei a loja por meia hora. Senti até em meus ossos que algo de errado estava acontecendo naquela rua, e que perderia algo se desviasse o olhar mesmo que por um momento. Então, por acaso, Akechi Kogoro, que brevemente mencionei anteriormente, passa pela janela. Ele vestia seu costumeiro quimono de verão, com largas faixas verticais, e caminhava em seu jeito estranho, com ambos os ombros tremendo como se estivesse tossindo violentamente. Quando me notou, curvou-se levemente e entrou na loja, pediu café gelado e sentou-se ao meu lado. Assim que percebeu que eu encarava algo atentamente, ele seguiu meu olhar até a livraria e também fixou seu olhar nela. Ele parecia não necessitar de uma explicação, e simplesmente me acompanhou a olhar para o outro lado da rua.

Enquanto observávamos, mantivemos certo tipo de conversa, e embora não consiga me lembrar de tudo sobre o que falamos, certamente tinha ligação com os tópicos prediletos de Akechi: crime e trabalho de detetives.

— Acha que é possível cometer o crime perfeito? Um do qual você certamente conseguirá se safar? Acho que provavelmente é possível. Pegue como exemplo o caso em “Jornada”, do Jun'ichirou Tanizaki. Aquele tipo de crime nunca é detectado. Sim, no romance, o detetive descobriu, mas é por causa da grande imaginação do autor — disse Akechi.

— Bem, eu não penso desta forma — respondo-lhe. —

Acredito que, teoricamente, não há crime que um detetive não possa solucionar. Se um criminoso conseguiu elaborá-lo, também é possível um detetive desvendá-lo.

Discutimos um pouco mais sobre isso, mas logo nos calamos, de alguma forma envolvidos pela livraria do outro lado da rua.

— Você também notou, não é? — pergunto-lhe, e recebo a resposta após um suspiro.

— As pessoas furtando livros das prateleiras na frente da loja? — respondeu Akechi imediatamente. — Notei assim que entrei aqui. É a quarta pessoa a furtar um desde que cheguei. É estranho, não acha?

— É a quarta pessoa desde que você chegou, há trinta minutos. Mas, estou aqui há mais de uma hora, e ninguém surgiu do escritório dos fundos. Está vendo a persiana no meio da porta dos fundos? Há cerca de uma hora, foi fechada por dentro.

— Talvez a pessoa a cuidar da loja tenha saído ou algo assim.

— Não, não pode ser isso. Desde que a persiana foi fechada, ninguém foi ao escritório dos fundos, ninguém saiu, e a persiana não foi aberta uma vez sequer. Suponho que alguém possa ter saído pela porta dos fundos. …Ainda assim, seria estranho deixar a loja abandonada por mais de meia hora. Talvez devêssemos checar se está tudo bem.

— Tem razão, mesmo que não tenha ocorrido nada, deveríamos checar e alertá-los que estão furtando os livros.

Enquanto deixava a cafeteria, estava morbidamente animado pelo pensamento de ir ao que poderia ser a cena de um crime, e via que Akechi sentia uma emoção similar.

A loja era do tipo que se vê com frequência, com prateleiras ao longo das paredes chegando ao teto, indo de um lado a outro, assim como aos fundos da loja, e uma “ilha” retangular com prateleiras no centro da livraria que atingia aproximadamente a altura do peito. Nos fundos à direita, havia um vão com cerca de um metro de largura onde ficava a caixa registradora e, logo atrás, a porta de ripas duplas que levava ao escritório dos fundos, com as persianas ainda firmemente fechadas no painel central. Neste pequeno vão, havia uma cadeira onde o dono ou sua esposa estariam sentados para operar a caixa registradora e observar a loja.

Akechi e eu fomos até a área, e gritamos na direção do escritório dos fundos esperando que alguém viesse, mas não houve resposta. O dono seria tão negligente a ponto de deixar este lugar sem direção? Empurrei a porta de correr que dava no escritório dos fundos para abri-la um pouco, e espiei pela abertura. A luz estava apagada e estava muito escuro no interior, mas era possível ver traços vagos de algo no fim do cômodo.

— Deveríamos entrar para checar — disse Akechi às minhas costas.

Nós nos apertamos no pequeno cômodo, e Akechi encontrou o

interruptor de luz ao lado de uma luminária e o pressionou. Neste momento, ambos soltamos um involuntário e rígido grito ao notarmos o corpo esfalecido de uma mulher esparramado no canto do escritório.

— É a esposa do dono — sobressaltou-se Akechi. — Não parece que ela foi estrangulada?

Aproximando-se do corpo, prosseguiu — Temos de ligar para a polícia. Eu vou à cabine telefônica chamá-los aqui. Você continua onde está e mantém vigilância. Não devemos comentar com os vizinhos, ou todos virão e atrapalharão a cena do crime.

Com isso, ele correu ao telefone público, que ficava a menos de um quarteirão de distância.

Li diversos romances policiais desde minha juventude, e estava familiarizado às teorias de crimes, assassinatos e investigações, mas agora deparava-me, de fato, com uma cena de crime, um assassinato sobretudo. Eu não fazia ideia do que fazer, então apenas olhei ao redor do cômodo minuciosamente enquanto aguardava o retorno de Akechi.

Era um cômodo diminuto, com área estimada entre dois metros e meio e três metros e meio, e, ao lado direito, havia um jardim fechado e um toalete externo. Por se tratar do verão, as portas para o jardim estavam bem abertas, permitindo que eu vislumbrasse todo o local. A uma porta aberta ao lado esquerdo havia um pequeno banheiro, e próximo a este a porta dos fundos estava firmemente fechada. Do outro lado da porta do banheiro havia uma escadaria e um armário. Era o estilo pequeno e barato de casa geminada que continuavam populares nesta parte da cidade.

O corpo da mulher estava contra a parede no lado esquerdo do cômodo, com a cabeça voltada para a fachada do edifício. Eu não queria interferir em nada a cena do crime e, principalmente, não possuía o menor interesse em me aproximar de um cadáver, então permaneci à porta por onde entramos. Mas, era um cômodo tão pequeno que por mais que tentasse evitar olhar para o corpo, de alguma forma ainda aparecia em meu campo de visão. Ela trajava um quimono índigo de verão estampado com crisântemos, e estava caída de costas. Estranhamente, a bainha de seu quimono fora dobrada para cima, expondo suas pernas até as coxas. Não havia sinais de resistência em seu corpo e tampouco ao redor do cômodo.

Ao redor de seu pescoço, havia uma marca roxa onde ela

evidentemente fora estrangulada.

O alvoroço nas ruas lá fora. Os sons das pessoas conversando em vozes altas, o barulho dos calçados de madeira denominados geta contra a calçada, uma voz embriagada cantando fora de tom, todos ignorantes de que por trás de uma simples porta de correr jazia o corpo de uma mulher, assassinada a sangue frio. É, de fato, um mundo cruel, pensei enquanto ouvia os sons do exterior.

— A polícia está a caminho — disse Akechi, ofegante por ter corrido desde o telefone público.

— Entendo, — respondo, necessitando muito esforço para proferir esta única palavra, e ambos olhamos um para o outro, sem dizer sequer uma palavra a mais.

Em alguns instantes, a polícia chegou. Dois homens entraram, um oficial em uniforme e outro vestindo um terno, que, a julgar por suas posses e atitude em geral, era algum tipo de doutor.

Mais tarde, descobri que o homem uniformizado era um inspetor da delegacia de Kagura, e o homem de terno era o médico legista do mesmo departamento. Explanei ao inspetor os eventos desta tarde até aquele ponto. Ele pediu-me que explicasse sobre a persiana fechada com mais detalhes, então recobrei os eventos o mais claramente possível.

— Akechi juntou-se a mim na cafeteria às oito e meia em ponto; recordo ter olhado para o relógio na cafeteria assim que ele entrou. Então, por volta das oito, deve ter sido quando a persiana foi fechada por dentro. Naquele momento, a luz estava acesa. Então, às oito em ponto, alguém devia agir por aqui.

Enquanto o inspetor me ouvia e tomava notas, o médico legista examinava o corpo. Quando terminei de falar, ele disse:

— Ela foi estrangulada. O assassino utilizou suas mãos; podemos notar através das marcas ao redor de seu pescoço a forma de dedos deixada onde fora aplicada a pressão. Há também uma pequena quantia de sangue, ocasionada pelas unhas do assassino a lacerar-lhe a pele enquanto a estrangulava.

Considerando que há a marca de um polegar no lado esquerdo de seu pescoço, podemos afirmar que o assassino a estrangulou com apenas sua mão, e esta seria a direita. O momento da morte fora há pouco mais de uma hora. Obviamente, não há a menor chance de que ela

esteja viva.

— E foi estrangulada por cima, ao que parece — completou o inspetor. — Mas, dado o fato de não haver sinais de resistência, ela deve ter sido atacada repentinamente e com força estupenda.

Então, o inspetor perguntou-nos o paradeiro do dono da livraria. É claro, não tínhamos como saber o que acontecera-lhe, mas Akechi sugeriu interrogar o dono da relojoaria, a fim de descobrir se ele imaginava onde o homem poderia estar. A conversa entre o inspetor e o dono da relojoaria foi a seguinte:

— O senhor sabe a que local o dono deste estabelecimento foi?

— Bem, até onde sei, ele gerencia temporariamente uma tenda noturna que vende livros, então é por isso que está longe da loja. Ele retorna à casa apenas depois da meia-noite, se não me falha a memória.

— Onde localiza-se esta tenda?

— Ele geralmente vai ao mercado em Hirokoji, a caminho de Ueno, mas, se ele está lá ou não esta noite, é algo que temo não poder afirmar.

— Há cerca de uma hora, o senhor ouviu algo incomum vindo desta loja?

— Algo incomum?

— Algo mais grosseiro, como a voz desta mulher ao ser morta, o som de uma luta…

— Não, não ouvi nada do gênero.

Enquanto isso, as notícias do assassinato se espalhavam, e uma multidão de transeuntes se reuniu na livraria. A mulher que era dona de uma loja de meias tabi[1] do outro lado da livraria chegou e confirmou as afirmações do relojoeiro, dizendo que também não ouvira nada de incomum durante a tarde.

Em seguida, o som de um carro parando diante da loja pôde ser ouvido, e diversas pessoas lançaram-se para dentro. Estas pessoas faziam parte do gabinete do promotor público e, por coincidência, chegaram ao mesmo tempo que o chefe do batalhão de Kagura, e o renomado detetive Kobayashi. O inspetor que chegara mais cedo deu

continuidade e relatou os detalhes do crime para os recém-chegados, e Akechi e eu fomos chamados para contar nossa versão novamente.

— Primeiramente, vamos fechar a porta principal — disse repentinamente o detetive Kobayashi. Ele vestia uma jaqueta de lã preta e calças brancas, aparentava ser um daqueles funcionários de nível hierárquico baixo que tentam demasiadamente parecer espertos. Ele empurrou os observadores para fora e começou com suas investigações. Enquanto investigava, parecia esquecer a presença de todos no cômodo, como se fossem excluídos de seu campo de visão. Do início ao fim, ele trabalhou sozinho, e parecia que o inspetor, o chefe de polícia e o resto de nós estivéssemos todos lá apenas para observar e admirar as ações e os métodos de Kobayashi. Primeiro, ele foi até o corpo para analisá-lo. Levou certo tempo observando o pescoço da vítima, mas, no fim, declarou aos policiais reunidos:

— As marcas deixadas pelos dedos são perfeitamente normais e não demonstram características peculiares. O assassino era um homem qualquer que estrangulou a vítima com sua mão direita. O corpo não indica outras pistas.

Após isso, Kobayashi disse que queria despir a vítima para buscar mais pistas, e Akechi e eu fomos obrigados a deixar a sala.

Aguardamos em frente à loja, e embora não soubesse quais foram as descobertas, ouvi por alto a menção de que o corpo da mulher estava coberto de contusões. Comentei sutilmente para Akechi que os rumores a circular entre as garçonetes do Hakubaken devessem ser verdadeiros.

Após estes exames terminarem, evitamos voltar ao escritório dos fundos e apenas observamos tudo da fachada da loja.

Felizmente para nós, como descobridores da cena e por necessitarmos fornecer nossas digitais à polícia, não pediram que deixássemos a loja. Bem, talvez seja mais correto dizer que fomos mantidos próximos por sermos considerados suspeitos, mas permitiram que observássemos a investigação. As atividades de Kobayashi não se limitaram apenas ao cômodo dos fundos, ele checou tudo tanto dentro quanto fora da loja enquanto aguardava, na fachada, algum indício de que pudéssemos estar envolvidos.

Considerando que o inspetor e o promotor público permaneciam no escritório dos fundos, fazendo com que Kobayashi precisasse retornar para informá-los do progresso, conseguíamos ouvir todos os resultados

da investigação. Enquanto Kobayashi relatava, o promotor público tomava nota de todas as descobertas em seu bloco de notas.

Na sala onde o corpo estava, apesar de seus esforços, Kobayashi não encontrou pegadas ou indícios do culpado, exceto por uma coisa.

— Há impressões digitais de quando as luzes foram apagadas — disse Kobayashi, enquanto borrifava um pó branco no interruptor ébano. — A luz deve ter sido apagada pelo culpado.

Falando nisso, qual dos dois acendeu a luz quando chegaram?

Kobayashi perguntou-nos, e Akechi respondeu que fora ele.

— Neste caso, também precisarei de suas digitais. Vamos remover o interruptor e levá-lo para testes. Mas, não toquem no botão! — Kobayashi instruiu o inspetor.

Então, Kobayashi subiu as escadas até o primeiro andar. Ele investigou o local por algum tempo e, logo assim que tornou a descer, anunciou que investigaria a passagem nos fundos da loja.

Isto levou cerca de quinze minutos e, quando voltou, ainda segurando uma tocha em uma das mãos, alguém o acompanhava.

Era um homem com cerca de quarenta anos, vestindo uma camisa crepe preta encardida e calças cáqui, que não estavam menos sujas.

— Não é possível encontrar qualquer vestígio de pegadas no beco dos fundos. Talvez por não receber muita luz do sol, é muito lamacento, e embora consiga notar vagas marcas deixadas por um par de chinelos geta[2], é impossível dizer se são masculinos ou femininos. — Kobayashi afirmou categoricamente. — De todo modo, este homem, — prosseguiu, sinalizando a pessoa que o acompanhava, — é dono de uma sorveteria na entrada do lado oposto do beco. Então, deixe-me perguntá-lo — disse, virando-se para o sorveteiro. — O senhor viu alguém entrar ou sair deste beco por volta das oito da noite?

— Não, nem uma sombra. Nem mesmo um cão ou gato —

respondeu confiantemente o sorveteiro. — Tenho minha loja há um tempo, e posso dizer que notei que geralmente ninguém utiliza aquele beco após escurecer. É tão lamacento que, se você não souber onde pisar, provavelmente cairá, ou ao menos sujará seus calçados.

— E nenhum de seus clientes entrou naquele beco?

— Não, ninguém. Todos que vieram esta noite comeram seus sorvetes na calçada em frente à sorveteria, e depois seguiram a rua principal. Tenho certeza.

Então, se confiarmos no testemunho do sorveteiro, que alega que o criminoso não escapou pela porta dos fundos da livraria, ele não teria escapado pela única entrada que o beco fornecia. Sei que também não havia saído pela porta principal, pois estava olhando fixamente da cafeteria. Sendo assim, por onde diabos ele poderia ter escapado? Kobayashi tinha duas teorias. A primeira, o criminoso poderia continuar escondido em um dos outros edifícios que se erguiam no beco. A segunda, ele pode ter escapado, de alguma forma, para o primeiro andar. Entretanto, embora houvesse uma forma de chegar ao primeiro andar pelo telhado, e a partir de lá saltar para o de uma das outras lojas adjacentes, a janela dianteira tinha uma grade fixa que não aparentava ter sido forçada, e certamente não fora removida. Quanto à janela dos fundos, com o calor que fazia, quase todas as casas tinham suas janelas dos fundos abertas, e muitas pessoas estavam lavando suas roupas na varanda ou sentados em uma cadeira aproveitando o ar da tarde ao

lado de fora, o que tornava realmente difícil fugir por esta rota sem ser notado.

Neste ponto, os policiais se reuniram brevemente para discutir suas próximas ações. Decidiram visitar todas as casas ligadas ao beco para questionar se os habitantes ouviram ou viram algo. Havia apenas onze casas voltadas para o beco, então tal tarefa não consumiria muito tempo. Enquanto isso, um grupo menor ficou para trás a fim de checar minuciosamente a livraria mais uma vez, para verificar que nada foi ignorado.

Infelizmente, não apenas a investigação não chegava a uma conclusão, mas cada informação coletada tornava o caso cada vez mais difícil de ser compreendido. O dono da loja de doces, que fica a dois edifícios da livraria, estava relaxando aquela tarde, tocando sua flauta de bambu na varanda aos fundos de sua loja, e esteve lá do fim da tarde até agora, quando a polícia chegou. Ele estava em uma posição perfeita para ver se algo de estranho teria acontecido na janela dos fundos da livraria, mas alegou não ter visto nada durante toda a tarde. Bem, leitores, o caso chegou a um ponto interessante, não é? Por onde o criminoso entrou na loja, e como saiu dela? Não havia sido pela porta dos fundos. Nem pela janela dos fundos, e certamente não havia sido pela porta principal, tampouco. Ele é mesmo real? Ou desapareceu como num passe de mágica?

Mas o mistério não acabava por aí. Dois estudantes da faculdade local de engenharia, que estavam alugando um quarto próximo ao local, passavam em frente à loja por volta das oito em ponto, e embora ambos parecessem realmente honestos, seus testemunhos apenas serviram para confundir ainda mais os investigadores. O que eles disseram ao inspetor é o que segue:

— Por volta das oito horas, eu estava na parte dianteira da livraria, lendo uma revista daquela prateleira. Foi quando ouvi um som vindo dos fundos da loja e olhei naquela direção. A porta em si estava fechada, porém, a persiana no centro estava aberta, e eu vi um homem parado lá dentro. Mas, assim que tentei reconhecer seu rosto, ele fechou a persiana, então não posso dizer muito sobre ele.

Pelo jeito que vestia seu quimono, certamente deve ser um homem.

— Você se lembra de algo a mais sobre ele? Sua altura, a estampa do quimono, qualquer coisa do tipo?

— Apenas vi a parte inferior do seu corpo, então não faço ideia de qual pode ser sua altura, mas o quimono era preto.

Suponho que talvez tenha listras finas ou alguma outra estampa, mas parecia apenas preto para mim.

— Eu estava com meu amigo na parte da frente da livraria, lendo — disse o outro estudante quando interrogado. — Também ouvi um som, olhei e vi a persiana ser fechada por dentro. Porém, ele estava vestindo um quimono branco. Sem listras, nenhuma estampa, apenas um simples quimono branco.

— Mas isso é impossível! Um dos dois deve estar enganado

— disse o inspetor com a confusão estampada na face.

— Tenho certeza de que não estou enganado — disse o primeiro estudante.

— Bem, eu não mentiria em um caso assim — treplicou seu amigo.

O que o testemunho dos estudantes poderia significar? Os leitores mais astutos podem ter pensado em algo a este ponto, e eu pensei o mesmo naquele momento, mas parecia que a polícia e o promotor público não pensaram muito profundamente nisso.

Neste momento, o dono da livraria, que fora localizado e notificado do

terrível incidente, surgiu na sala. Era um homem delicado que, de algum modo, não parecia o dono de uma livraria.

Quando viu o corpo de sua esposa, começou a chorar, e sentiu-se incapaz de falar por algum tempo. Kobayashi aguardou até que ele recobrasse a compostura, e só então começou a interrogá-lo.

Entretanto, para sua infelicidade, o dono do local não tinha a mais ínfima ideia de quem poderia ter assassinado sua esposa.

— Ela nunca foi do tipo de pessoa que irritaria alguém, ela não tinha segredos — disse o homem entre suas lágrimas. Ele também checou o cofre e o dinheiro na caixa registradora, e confirmou que nada fora roubado da loja. Kobayashi perguntou a história de sua família, talvez para desenterrar algum indício de já esquecidos conflitos por terras, mas não havia nada fora do comum.

O interrogatório continuava infrutífero por algum tempo, até que Kobayashi finalmente o perguntou sobre as contusões encontradas no corpo de sua esposa. O dono da livraria hesitou por um bom tempo, mas eventualmente admitiu ser o responsável por isso. Kobayashi perguntou-o o porquê de fazer isto mas, apesar de diversas tentativas, nada fazia-o abrir a boca, e o homem logo fora abalado por uma torrente de lágrimas. Afinal, ele esteve em sua casa a tarde toda, então mesmo que seja culpado de violência doméstica, tinha um forte álibi para o assassinato, e seu luto também parecia extremamente real. Ele não seria um suspeito neste caso.

Desta forma, as investigações terminaram pela noite. Akechi e eu fornecemos nossos nomes completos e endereços, e assentimos que estaríamos disponíveis para futuros interrogatórios, depois fomos levados para casa. Já se passava de uma da manhã.

Se as informações de todas as testemunhas estiverem corretas e a polícia não tiver deixado nada passar em sua investigação, este realmente parecia ser um crime insolúvel. Como eu descobriria depois, Kobayashi continuou suas investigações no dia seguinte, mas não conseguiu fazer progresso algum desde a primeira noite. Todas as testemunhas pareciam confiáveis, e nenhuma tinha motivos para mentir. Nem mesmo foi possível desenterrar informações com os onze vizinhos interrogados.

Kobayashi até mesmo voltou à cidade natal da vítima a fim de descobrir algum ressentimento que poderia haver no local, mas não encontrara nada. Finalmente, também checou minuciosamente a única

coisa que poderia ser considerada uma “evidência” na cena do crime; o interruptor. Entretanto, as únicas impressões digitais nele eram as de Akechi, de quando entramos no escritório e acendemos a luz. Parecia que Akechi estava extremamente animado quando acendeu a luz, e tocou tantas vezes que as digitais

do criminoso foram apagadas. Quando um famoso detetive como Kobayashi dedica seu corpo e alma a uma investigação como esta, e ainda assim não encontra pista alguma, nem mesmo o menor dos vestígios, da identidade do criminoso, poderia se dizer que é o crime perfeito?

Leitores, talvez enquanto consideravam este caso, algumas famosas histórias de detetives do passado possam ter passado por sua mente. Talvez “Os Assassinatos da Rua Morgue”, de Poe, quem sabe “A Faixa Malhada”, do Conan Doyle? Talvez você esteja pensando que, como nestes casos, o assassino não foi uma pessoa, e sim algum tipo de animal selvagem; um orangotango ou uma cobra venenosa da Índia, quem sabe? Este pensamento também passou brevemente por minha mente. Mas, até isto é impossível. Afinal, estou certo de que não há animais deste tipo nestes arredores de Tóquio, além do fato de uma testemunha ter avistado um homem na cena do crime, mas nenhuma evidência sugerir a presença de um animal, nem mesmo uma testemunha avistou algum. Lembre-se também de que as marcas no pescoço da vítima foram feitas pela mão direita de um homem. Não, o autor deste crime certamente é um humano como você e eu.

Enquanto Akechi e eu voltávamos para casa naquela noite, conversávamos animadamente ao longo do caminho. Ele disse:

— Sabe o assassinato de Rose Delacourt, aquela que se tornou a inspiração para a “Rua Morgue”, de Poe, assim como para

“O Mistério do Quarto Amarelo”, de Leroux? Embora tenha ocorrido há mais de um século, ainda não se sabe quem foi o culpado. Isto surgiu na minha mente esta tarde. A forma que o assassino desapareceu sem deixar vestígios de si, é bem similar neste aspecto, não acha?

— Suponho que tenha razão. Realmente é muito estranho, este assassinato diretamente de um romance policial do ocidente acontecer aqui em Tóquio! Não tenho ideia se consigo ou não, mas tenho certa “cabeça” para investigar o caso por conta própria e tentar chegar a alguma resposta — repliquei.

Aqui, nossos caminhos se divergiram, e enquanto Akechi virou em uma rua estreita, eu o observei, os ombros se agitando enquanto andava, e seu espesso quimono listrado de verão parecia ser lançado em um alívio pelas trevas. Por algum motivo, a imagem deixou uma forte impressão em mim.

Parte 2: A Dedução

Cerca de dez dias após o assassinato, eu visitei a estalagem de Akechi. O que fizemos, o que encontramos, a que conclusões chegamos nestes últimos dez dias? Talvez, leitor, você já possa imaginar o tipo de conversa que Akechi e eu tínhamos naquela tarde?

Até aquele ponto, eu apenas encontrei Akechi por coincidência na cafeteria ou pela cidade, então esta era a primeira vez que eu visitava sua casa. Ele alugou um quarto sobre uma tabacaria, que eu encontrei sem muito trabalho, então entrei e perguntei à mulher que estava lá dentro se Akechi Kogoro vivia naquele endereço.

— Sim, ele mora aqui. Por favor, aguarde um momento que o chamarei.

Ela subiu as escadas nos fundos da loja e o gritou ainda dos degraus. Akechi desceu a ruidosa escadaria, e apenas disse — Oh!

—, parecendo um pouco surpreso ao ver que era eu, mas rapidamente recuperou a compostura, completando com um — Ah, vamos subir —, convidando-me.

Quando subimos até o quarto, foi a minha vez de ficar surpreso. Eu mal havia dado um passo adentro quando sobressaltei

— era o quarto mais incomum que eu já havia visto. Sempre soube que ele era meio excêntrico, mas este lugar era realmente assombroso. Tinha aproximadamente dois metros e meio de largura e de comprimento, e além de um pequeno espaço no centro do quarto onde havia tatames, cada centímetro do chão estava coberto de livros, aqui em pilhas perfeitas, ali em montanhas desordenadas.

Não havia móvel algum até onde pude ver, e não podia imaginar como ele conseguia dormir aqui. Além disso, não havia lugar algum para que ambos pudéssemos sentar-nos. Se eu me movesse um pouco, temia interferir no edifício precário e derrubar uma montanha de livros em nós.

— Sinto muito pela bagunça. Eu não tenho cadeiras ou almofadas

mas, por favor, procure uma pilha de livros confortáveis e sente-se — disse Akechi, um tanto quanto tímido.

Após procurar um pouco, consegui encontrar uma pilha e finalmente me sentei, mas estava tão espantado pelo quarto que me senti sem palavras por incontáveis segundos, apenas olhando maravilhado ao redor.

Sinto que, neste ponto, preciso explicar um pouco sobre Akechi Kogoro, que teve um papel tão central na história até agora.

Mas nos conhecemos recentemente, e eu não fazia ideia de sua história, como ele conseguia dinheiro o suficiente para comer e sobreviver, qual era seu propósito de vida, ou qualquer outra coisa do tipo, mas sei que ele não aparentava ter um trabalho, e parecia ser um homem de bastante lazer. Se fosse classificá-lo com algum rótulo, talvez seja o de estudioso? Embora seja um objeto de estudo estranho, devo dizer! Recordo que ele disse uma vez: — Sou um aluno das condições humanas. — Porém, naquela época eu não sabia o que isto significava. Contudo, de uma coisa eu tinha certeza: sua paixão e conhecimento sobre crimes e deduções era tremendo.

Ele tinha aproximadamente a minha idade, então provavelmente não passava dos 25. Ele era magro, e como já mencionei, possui o estranho hábito de agitar os ombros ao caminhar. De fato, é uma comparação estranha, mas seu caminhar, sua face e sua voz eram todos muito similares aos do antigo autor e narrador Kanda Hakuryu. Leitor, se você não consegue visualizar Kanda Hakuryu, apenas imagine a face mais amável e inteligente que puder, adicionei cabelos longos e desgrenhados e chegará bem perto. Falando de seu cabelo, Akechi também tinha o hábito de enrolar uma mecha em seus dedos enquanto falava com as pessoas. Ele não parecia se preocupar muito com suas roupas, e sempre vestia o mesmo quimono simples de algodão com listras verticais, preso de maneira comum na cintura.

— Estou surpreso que tenha encontrado este lugar, não é fácil — disse Akechi, brincando com uma mecha de cabelo e olhando fixamente para mim. — Enfim, a polícia conseguiu algum progresso na investigação do assassinato na colina D? Capturaram alguém?

— Na verdade, é sobre isso que vim conversar com você —

respondi. Incerto de como entrar no assunto, disse hesitantemente:

— Estive pensando neste caso pelos últimos dez dias, para ser sincero. Não apenas pensando, na verdade. Eu também

“brinquei” um pouco de detetive, na cena do crime e nos entornos.

Por fim, cheguei a uma conclusão. Pensei em compartilhá-la com você.

— Oh! Mesmo? Ótimo trabalho! Conte-me.

O fato de que seu rosto formou uma expressão de “esperto”, seguida por uma aparência relaxada, talvez até desdenhosa, quando eu disse isso não passou despercebido. Isto me ajudou a deixar a hesitação de lado e continuar com mais confiança.

— Um amigo meu é repórter em um jornal, e ele é um grande amigo de Kobayashi, o detetive que está investigando o assassinato. Através deste amigo, consegui acompanhar o progresso do caso com alguns detalhes, mas a polícia está hesitante. Não sabem como continuar. É claro, continuam trabalhando nisto, mas ainda não encontraram nenhuma pista decisiva ou vestígios de evidências. O interruptor de luz, por exemplo. Checaram diversas vezes, mas apenas suas digitais estão nele. Parece que acham que suas digitais limparam as do criminoso.

Quando ouvi que a polícia deparou-se com este problema, decidi checar por conta própria. O que acha que descobri? Queria dizer a você antes de ir à polícia.

“ Desde o dia do incidente, estive intrigado com algo. Talvez você também se lembre. Os dois estudantes que viram um homem no escritório dos fundos da livraria, seus testemunhos foram idênticos, exceto pela cor do quimono do homem. Um disse que era preto, outro disse que era branco, e ambos afirmaram veemente falar a verdade. Não importa quão fugaz seja o olhar, ou quão prejudicada seja a visão de uma pessoa, é impossível confundir preto e branco. Não tenho certeza de como a polícia interpretou isto, mas acho que ambos os estudantes estão corretos. Está acompanhando? O criminoso está vestindo um quimono preto e branco, do tipo que você geralmente usa quando está em uma pousada no campo. Então, como um estudante viu preto e o outro, branco? Bem, você lembra que eles viram o criminoso através do gradeado no centro da porta. Então, como estavam em locais diferentes da livraria, é possível que um estudante olhou pela persiana e viu apenas listras brancas, enquanto o outro olhou de um lugar diferente e viu apenas as pretas, e a estrutura da persiana escondeu as brancas de sua vista, fazendo com que presumisse que o quimono era preto. É certamente uma coincidência e tanto que eles estavam nos locais exatos para que isso acontecesse

mas, como foi apenas por um momento, é possível, e até onde sei não há outra explicação para isto.

“ Então, descobrimos que o quimono do assassino deve ter listras pretas e brancas, o que reduz consideravelmente a investigação, mas não é o bastante para localizar um culpado. A segunda evidência que considerei é o interruptor de luz. Meu amigo repórter disse que Kobayashi não conseguiu encontrar nada, então tentei um pequeno experimento, e meu pressentimento estava correto. Falando nisso, você tem uma pedra de tinta[3] por aqui?

Poderia usá-la? ”

Akechi entregou-me uma pedra de tinta, e ainda havia um pouco de tinta nela. Pus levemente meu dedo na tinta, peguei um pedaço de papel do bolso de meu quimono, e pressionei o papel com meu polegar, deixando uma impressão digital. Então, deixei a tinta secar por alguns segundos, e mais uma vez pressionei o mesmo polegar na tinta, depois cuidadosamente adicionei mais uma digital sobre a primeira, em uma direção diferente. Ao fazer isto, poderia se ver duas digitais sobrepostas no papel.

— A polícia parece achar que quando você acendeu a luz, cobriu as digitais do criminoso e as apagou, mas como eu lhe mostrei com a tinta, isto é impossível. Mesmo que se ponha uma digital sobre a outra, ainda é possível notar a original entre as linhas da segunda. Não importa o quanto você pressione, não conseguirá apagar a original.

“ Então, se aceitarmos que foi o criminoso que acendeu a luz, suas digitais devem estar naquele interruptor. Me perguntei se a polícia havia deixado passar despercebida alguma digital entre as linhas da sua mas, de acordo com meu amigo repórter, eles também checaram isto e encontraram apenas as suas. Então, você é a única pessoa que tocou o interruptor durante toda a noite — antes e após o assassinato, apenas você pôs os dedos naquele interruptor. Não entendo o porquê de não haver também as digitais do dono da loja, mas imagino que seja porque a luz nunca fora apagada antes daquilo.

“ Sendo assim, o que isso lhe diz, Akechi? Isto é o que acho: um homem vestindo um quimono listrado — talvez um amor de infância da vítima, que mais tarde quebraria seu coração e o levaria a cometer assassinato — sabia que o dono da livraria estaria em seus aposentos, e atacou a mulher enquanto ele estava distante.

Ela não resistiu, então deve conhecer quem a atacou. Assim que a matou, para retardar o momento que o corpo seria descoberto, ele apagou a luz e começou a fugir mas, ao fazê-lo, percebeu que a persiana da porta estava aberta, e voltou para fechá-la antes de começar a correr. Por acaso, aqueles dois estudantes vieram à loja e viram isto. Então, o assassino escapou pelos fundos, mas imaginou que suas digitais estariam por todo o interruptor, e ele precisava apagá-las. Entretanto, com os estudantes na loja, ele não poderia arriscar voltar à sala onde acabara de cometer um assassinato, e foi então que teve uma ideia brilhante. Ele se tornaria o descobridor do crime. Se o fizesse, poderia naturalmente acender o interruptor sem levantar qualquer suspeita, e mais tarde não seria interrogado quando suas digitais fossem encontradas no interruptor.

Além disso, como descobridor do crime, seria menos provável que se tornasse um suspeito, então seria como matar dois coelhos em uma cajadada só! Ele poderia assistir ao trabalho da polícia, e ser nobre o bastante para dar seu testemunho. Não apenas isso, todo o seu esquema seguiria de acordo com o plano! Dez dias depois, a polícia ainda não teria a menor ideia de como proceder. ”

Akechi ouvia cuidadosamente minhas explicações. Esperei que ele me interrompesse enquanto falava, ou que ao menos mudasse sua expressão mas, para a minha surpresa, seu rosto continuava impassivo. Ele apenas me ouvia em silêncio, brincando com uma mecha de cabelo, como sempre. Senti-me impressionado por sua calma, e como queria alguma resposta, continuei a explanar.

— Você provavelmente perguntará como o criminoso conseguiu entrar e escapar da sala sem ser visto. É claro, se eu não conseguir explicar isto, então toda a minha teoria cai por terra. Bem, também investiguei isto. Como vimos naquela noite, não havia indícios de como o criminoso entrou ou deixou aquela sala. Todavia, ele cometeu um crime lá, então deve ter entrado e saído de alguma forma. Assim, podemos concluir que a polícia deixou passar algo em sua investigação. Será complicado para eles descobrirem isto, mas parece que suas habilidades de dedução não se comparam às minhas.

“ Na verdade, é bem simples. Eis o que acho que aconteceu.

A polícia checou a livraria e o escritório nos mínimos detalhes, e não temos motivo para duvidar dos onze vizinhos que não viram nada na noite do crime. Então, devemos concluir que, em vez de escapar no sentido tradicional da palavra, o criminoso na verdade escondeu-se à vista de todos; em um lugar que ele poderia ser visto, mas ninguém

suspeitaria de seu crime. Enquanto considerava como ele poderia fazer isto, pensei na loja de rámen, Asahiya, a dois edifícios da livraria."

Ao lado direito da livraria havia a relojoaria e uma confeitaria, e ao esquerdo havia uma loja de presentes e a loja de rámen.

— Eu fui à loja de rámen e perguntei se alguém havia entrado apenas para utilizar o banheiro por volta das oito da noite. Você conhece o lugar; há um corredor que vai da entrada à porta dos fundos, e o banheiro fica ao outro lado desta porta. O criminoso entrou, fingiu que queria utilizar o banheiro, e usou a porta dos fundos, entrando assim na livraria, cometendo o crime, e voltou pela porta dos fundos da loja de rámen como se houvesse acabado de usar o banheiro. Desta forma, conseguiria entrar no beco sem usar a entrada por onde o sorveteiro estava. Quanto ao dono da loja de rámen, alguém entrar no estabelecimento apenas para usar o banheiro era algo casual e não chamaria sua atenção. De fato, quando mencionei isto ao meu amigo repórter, ele disse que Kobayashi conversou com o dono da loja, mas não conseguiu nenhuma informação dele quanto a isso; alguém utilizar o banheiro era tão regular que ele nem mesmo mencionou isso à polícia.

"Mas, quando perguntei diretamente se ele recordava de alguém entrar por volta das oito apenas para ir ao banheiro, ele disse que sim. Entretanto, felizmente para o criminoso, naquela noite sua esposa não estava presente para ajudá-lo, então ele estava mais atarefado que de costume e não conseguia lembrar o rosto, roupas ou físico do homem que entrara. Devo dizer, Akechi, foi uma ideia realmente astuta de sua parte."

Pausei por um momento, dando a Akechi um tempo para dizer algo. Tenho certeza que ele não conseguiria continuar em silêncio, dado o que eu disse. Entretanto, ele o fez, e permaneceu quieto como uma pedra, e não havia nenhum tipo de som além do leve farfalhar de seu cabelo conforme ele continuava a torcê-lo com os dedos. Não havia mais nada. Por respeito a ele, falei indiretamente até agora, mas chegou o momento de parar de desviar do assunto.

— Akechi, você deve compreender o que estou dizendo.

Todas as evidências apontam para você. Não queria duvidar de você, muito menos acusá-lo, mas toda a minha investigação levou-me a você, e não há mais nada que eu possa fazer quanto a isso.

Tentei encontrar alguma coisa para exonerá-lo; chequei se algum dos

onze vizinhos possuía um quimono listrado como o seu, mas nenhum deles tinha. Infelizmente, este tipo de quimono de verão é bem incomum por aqui. O truque com o interruptor e o uso do banheiro da loja de rámen também foram truques bem espertos, e apenas um *expert* em crimes e investigações como você poderia ter pensado sobre eles. Finalmente, o que realmente o entregou foi sua relação com a vítima. Uma vez, você me disse que a conheceu quando ainda era criança. Mas, quando deu seu testemunho, e quando o detetive Kobayashi o interrogou, você não mencionou isto nem mesmo uma única vez.

"Então, queria perguntar qual o seu álibi.

"Qualquer coisa que aponte o dedo acusador em outra direção. Mas isto também não é possível, não é? Naquela noite, quando você me viu no Hakubaken e entrou para tomar um café, eu perguntei por onde você andava. Você disse que estava caminhando pelos arredores por aproximadamente uma hora.

Mesmo que alguém o visse nas ruas, não necessariamente o ajudaria, porque você ainda poderia ter passado pela loja de rámen para fingir usar o banheiro. Se ao menos você estivesse em outro lugar, visitando uma tia que mora na cidade, qualquer coisa! Diga-me, Akechi, que estou enganado. Por favor, se possível, defenda-se."

Bem, leitores, qual imaginam que foi a resposta de Akechi Kogoro? Acham que ele *murchou* em derrota? Não, não foi o que aconteceu. Em vez disso, ele perfurou meu ego soltando uma lenta, longa e alta risada. Então, vendo minha expressão ferida, recompôs-se.

— Desculpe, desculpe. Não pretendia rir, mas você está tão sério! — Disse, tentando desculpar-se. — Sua explicação é muito interessante. Fico feliz de ter um amigo como você. Mas, infelizmente, sua explicação é muito superficial, muito material.

Minha relação com a vítima, por exemplo. Como você havia dito, nos conhecemos quando criança, mas você deu-se o trabalho de investigar que tipo de relação tínhamos, a fim de considerar o aspecto psicológico mais profundo do caso? Se, em algum momento, estivemos apaixonados? Caso estivéssemos, se eu ainda estava irritado e buscando vingança por isso? Não imagino que tenha considerado nada do tipo. A razão pela qual não mencionei minha relação com ela para a polícia é simples. Embora a conhecesse, não sabia nada sobre ela que poderia ter alguma relevância para o caso. Fomos amigos apenas por alguns anos, bem antes de começarmos os estudos, e não a vejo

desde então.

— Neste caso, como explica suas digitais no interruptor de luz?

— Acha que eu estive completamente estático desde aquele dia? Não, eu também estive bem ativo, sabe? Fui à colina D todos os dias, especialmente à livraria. Conversei com o dono, e fiz muitas perguntas a ele. Eu disse que conhecia sua esposa, o que pareceu fazer com que ele se abrisse para mim, então consegui diversas informações dele — basicamente as mesmas informações, ao que parece, que você conseguiu de seu amigo jornalista. Também ouvi sobre as digitais, e isso atraiu minha curiosidade, então também chequei o que poderia ter acontecido. Bem, não pude evitar rir — ao que parece, o filamento da lâmpada apenas estava quebrado, então as luzes se apagaram. Ninguém desligou o interruptor. Presumi que foi o assassino, mas, na verdade, ninguém sabe a que horas aconteceu, poderia ter sido diversos minutos após sua saída.

Quando liguei o interruptor de luz, não necessariamente acendi a luz

— apenas movi a lâmpada e a reconectei ao filamento, então ela tornou a acender. Então, é claro que não havia digitais de ninguém além das minhas no interruptor. Você disse que viu a luz acesa através da persiana quando estava na cafeteria, o que significa que deve ter desconectado após isso. Estas lâmpadas antigas vivem se apagando por conta própria, mesmo quando o interruptor está ligado. Quanto à cor do quimono, sua explicação…

Suas palavras se perderam enquanto ele ruminava uma pilha de livros e puxava um volume velho e esfarrapado de algum lugar próximo ao fundo.

— Já leu este livro? “On the Witness Stand”, ou “No Banco da Testemunha”, de Hugo Munsterberg. Publicado em 1908, acho.

Tente ler o capítulo “Ilusões”, as primeiras linhas, mais ou menos.

Enquanto Akechi defendia-se, eu gradualmente percebi minhas próprias falhas na investigação do crime. Peguei o livro e li o começo do capítulo que me fora recomendado. Era algo como: No ano passado, um caso veio à tona sobre um carro que fora roubado. Na corte, diversas testemunhas foram convocadas ao tribunal e fizeram o juramento de dizer a verdade. A primeira testemunha disse que a estrada em questão estava bem seca e poeirenta quando o incidente aconteceu, enquanto a segunda disse que estava um pouco escorregadia devido a uma chuva que caíra recentemente. A primeira

pessoa disse que o carro estava seguindo devagar; a segunda testemunhou que nunca vira um carro a tamanha velocidade. A primeira pessoa disse que havia duas ou três outras pessoas na estrada naquele momento, enquanto a segunda disse que havia homens, mulheres e famílias inteiras pela estrada. Nenhuma das testemunhas tinha motivo para mentir, e ambos eram cavalheiros de boa posição social.

Quando terminei de ler, Akechi direcionou-me a outro capítulo, chamado “A Memória da Testemunha”.

— O exemplo anterior foi de um caso real, mas este é um experimento que Munsterberg criou para ver o que outras pessoas se lembrariam de eventos repentinos. Tem certa ligação com a cor do quimono que estivemos considerando, então, leia.

Comecei a ler sobre o experimento.

“No ano retrasado, realizei um experimento em Gottingen.

Organizei uma festa para diversos acadêmicos; advogados, psicólogos, físicos e outros. Em outras palavras, todas pessoas cujas profissões dependiam de observação atenta de fenômenos.

Naquela época, havia um festival acontecendo na cidade. Durante a

festa, as portas se abriram repentinamente e um dos artistas do festival, trajando roupas brilhantes e berrantes, entrou como se tomado pela loucura. Ele foi perseguido por um homem brandindo uma pistola. No centro do salão, os intrusos enfrentaram-se e gritaram insultos. Então, o artista deitou-se no chão, e o homem com a pistola aproximou-se dele, mirou a pistola para baixo e atirou.

Após isso, ambos saíram correndo da sala. Todo o alvoroço durou menos de vinte segundos. Além do anfitrião, ninguém sabia ou tinha qualquer motivo para suspeitar de que tudo fazia parte de um experimento. Assim, o anfitrião reuniu a todos e pediu que cada um escrevesse um relatório verídico do que viram, como se fosse ajudar a polícia quando fossem convocados. Como você deve imaginar, os testemunhos divergiram grandemente sobre o mesmo evento. Das quarenta pessoas na sala, quatro disseram que o homem com a pistola não usava um chapéu. Dos outros trinta e seis, quase metade disse que ele usava um chapéu mole. Quanto a suas roupas, alguns disseram que ele vestia vermelho, outros diziam marrom escuro, também há quem diga marrom claro, disseram até mesmo que vestia roupas listradas. Todos se lembravam de uma combinação de roupas diferente do que

realmente viram — de fato, o homem com a pistola usava calças brancas e um sobretudo preto, uma grande gravata vermelha e nenhum tipo de chapéu. Devemos concluir que aquela memória, embora tudo fosse igual, era facilmente falível, pois era afetada pelas associações, julgamentos e sugestões que penetravam em cada uma das observações e tingia a memória e recordações dos eventos.

— A prosa de Munsterberg pode ser um pouco fatigante, mas ele está absolutamente certo — disse Akechi enquanto eu terminava de ler. — A observação e memória das pessoas não é algo confiável. Como neste caso, as testemunhas eram todos acadêmicos, pessoas inteligentes, e não conseguiam concordar nem mesmo com a cor das roupas do intruso. Acho que o mesmo vale para aqueles dois estudantes. Ambos acreditam que viram o que viram, mas um, ou quem sabe ambos, está errado. Eles podem ter visto algo, mas tenho certeza de que não era um homem com um quimono de verão com listras pretas e brancas. Certamente não

fui eu! Sua teoria sobre as listras terem sido vistas de ângulos diferentes pela persiana é realmente interessante, mas quando pensa melhor, não parece improvável? Perfeita demais, se é que me entende. Em vez de coincidência, não consegue acreditar que sou inocente? Finamente, chegamos no ponto do homem que usou o lavabo da loja de rámen. Neste sentido, concordo com você. O

criminoso deve ter se escondido à vista de todos, como você mesmo disse, e a única forma pela qual poderia ter entrado e saído da livraria é pela loja de rámen. Infelizmente, eu fui à loja de rámen e chequei por conta própria, chegando a uma conclusão oposta à sua. Na verdade, ninguém utilizou o banheiro às oito da noite. Esta pessoa não existia.

Leitor, como deve ter visto, Akechi demoliu meus argumentos sobre os testemunhos, as digitais do criminoso e como o criminoso entrou e saiu da livraria sem ser visto, levando a indicar sua inocência. Mas, negar que alguém entrou para utilizar o banheiro da loja de rámen… ele estava negando que um crime fora cometido?

Eu não fazia ideia do que ele estava pensando, então o perguntei diretamente.

— Você sabe quem cometeu o assassinato?

— Sim, eu sei — disse enquanto continuava a brincar com seu cabelo. — Meus métodos são diferentes dos seus. Buscar evidências físicas

apenas o leva até parte do caminho nas investigações. A melhor forma de solucionar o caso é entrando na mente das pessoas, olhar no fundo de seus corações e entender seus motivos. Contudo, isso depende das habilidades do investigador. De todo modo, eu olhei para este caso do ângulo oposto que você; o ângulo psicológico.

"A primeira coisa que chamou minha atenção foram as contusões recentes no corpo da vítima. Logo após isso, ouvi que a esposa do dono da loja de rámen tinha marcas similares em seu corpo. Acredito que já saiba disso. Mas, nenhuma das duas têm maridos violentos. Tanto o dono da loja de rámen quanto o da livraria aparentam ser homens inteligentes e reservados cuidando de seus negócios. Não consegui evitar pensar que, debaixo deste exterior ordinário, havia algum tipo de segredo. Então, primeiro tentei descobrir qual era o do dono da livraria. Como havia dito, ao dizer que era um velho amigo de sua esposa, fui capaz de formar um vínculo rápido com ele, então pude tocar em um assunto delicado como os ferimentos de sua esposa. Em contraste, tive uma impressão oposta do dono da loja de rámen, que parecia cauteloso e distante. Além disso, não tinha uma forma de aproximar-me dele como do dono da livraria, então foi realmente difícil chegar a uma conclusão sobre ele. Mas, usando certo método psicológico, fui capaz de descobrir o que precisava, no fim das contas.

"Está consciente do método de análise psicológica por

'associação'? Sabia que também é utilizado na investigação de um crime? Você dá um número de palavras de estímulo, e cronometra o tempo que o suspeito leva para associar ideias às palavras. Mas, ao contrário do que dizem os psicólogos, não acho que as palavras de estímulo devem ser limitadas a coisas simples como 'cachorro',

'casa', ou 'rio', e você não precisa necessariamente de um cronômetro para medir o tempo. Para alguém com aptidão para o método associativo, não precisa ser tão rígido e estereotipado.

Quando se pensa sobre isso, os populares detetives do passado estavam desenvolvendo este método sem nem mesmo saber disso, usando apenas sua intuição, antes mesmo que a psicologia se tornasse uma disciplina. Alguém como o Lorde Ooka Echizen[4]

seria um exemplo perfeito. Alternativamente, na literatura, temos o detetive Dupin na 'Rua Morgue', de Poe, quando ele explica o que seu amigo está pensando apenas pelo movimento de seu corpo.

Holmes também usa os mesmos métodos em 'O Paciente Internado',

de Conan Doyle. São todos exemplos da mesma técnica, mas os psicólogos insistem em complicar o assunto com máquinas e métodos mecânicos porque não têm o mesmo discernimento da condição humana, e então apropriam-se do método!

"Enfim, desviei um pouco do assunto, mas tentei este mesmo método enquanto conversava com o dono da loja de rámen. Eu apenas falei sobre coisas bem corriqueiras, e notei suas reações inconscientes e respostas verbais às minhas palavras. Entretanto, este é um procedimento muito delicado; se o sujeito estiver com a menor suspeita, o experimento se torna falho e suas conclusões incertas. De todo modo, não quero entediá-lo com os métodos, pois eram um tanto complexos, mas os resultados foram claros.

Encontrei o assassino.

"Mas não tenho um fragmento de evidência física sequer, então não posso ir até a polícia com isso. Mesmo que lhes dissesse, não acho que trabalhariam sobre minhas suspeitas. Mais do que isso, há mais um motivo pelo qual não estou tentando relevar a identidade do assassino. Não acho que tinham más intenções. Sei que parece algo ridículo a se dizer mas, neste caso, acho que a vítima e o assassino estavam cooperando entre si. Pode-se até mesmo dizer que a vítima persuadiu o criminoso a matá-la."

Tentei ver essa ideia por diversos ângulos, mas não consegui chegar onde Akechi queria. Neste ponto, já havia esquecido minha vergonha em tê-lo acusado após o que agora percebo ter sido uma investigação superficial, e simplesmente queria ouvi-lo explicar-se.

— Enfim, deixe-me elaborar. O assassino foi o dono da loja de rámen Asahiya. Ele poderia facilmente sair pela porta dos fundos de sua loja, chegar à livraria para cometer o crime, e voltar sem que seus clientes notassem nada fora do comum. Para impedir a investigação, ele inventou a história sobre um homem indo ao banheiro às oito da noite. Mas este não foi seu plano inicial, sabe?

De certa forma, é culpa nossa. Independente de qual de nós dois tenha sido, o perguntamos se alguém havia ido ao banheiro por volta das oito, e ele simplesmente acatou a ideia e a usou.

Ironicamente, podemos dizer que somos quase seus cúmplices! Ele provavelmente nos confundiu com policiais. Voltando a seus motivos para o assassinato, este caso realmente ilustra como segredos grotescos e obscuros podem ser escondidos por trás da fachada dos

dias rotineiros que todos vivemos. É o tipo de comportamento que só podemos descobrir no mundo dos pesadelos.

“O dono da loja de rámen seguiu os passos de Marquês de Sade. Ele era um sadista sexual e, por coincidência cruel, a mulher da livraria a dois edifícios de distância era seu Sacher-Masoch, sua vítima voluntária. Com a destreza de duas pessoas que compartilham uma perversão, eles começaram a ter um caso. Agora você talvez consiga entender o que quis dizer que este crime foi cooperativo. Dentro de seus casamentos, eles mal conseguiam usufruir de seus desejos distorcidos, que não eram compartilhados por seus parceiros, embora as contusões recentes tanto na esposa do dono da livraria quanto na do dono da loja de rámen, indicam que tentaram. Ainda assim, eles não conseguiam satisfazer seus desejos desta forma. Então, quando um encontrou ao outro, um parceiro com os mesmos desejos a menos de dez metros de distância, é fácil de imaginar como imediatamente desenvolveram uma forte compreensão mútua. Entretanto, os resultados deste encontro casual, esta dobra do destino, foram trágicos. Através da síntese de seus papéis ativos e passivos, sua depravação gradualmente se multiplicou até aquela fatídica noite há dez dias, em uma conclusão que certamente nenhum dos dois esperava ou desejava quando se encontraram pela primeira vez. Ela o persuadiu a matá-la. Uma medonha tragédia.”

Tremi involuntariamente enquanto Akechi chegava a sua conclusão. Que caso bizarro!

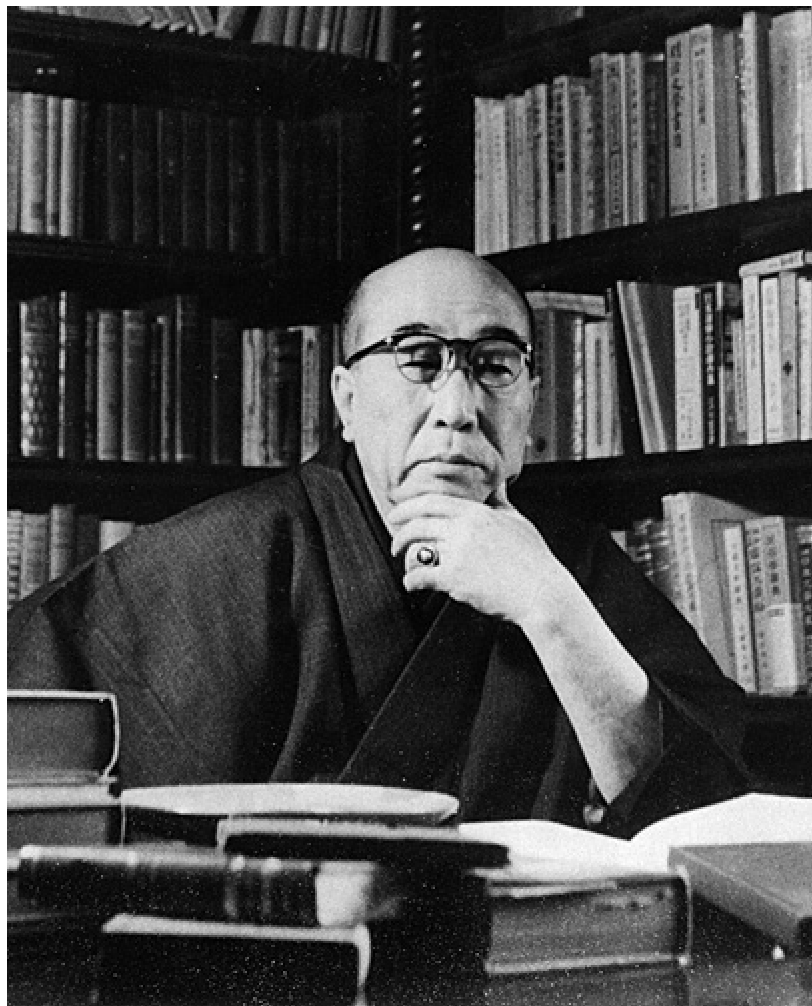
Então, a mulher da tabacaria trouxe o jornal noturno ao quarto de Akechi. Ele pegou-o, abriu na seção de notícias locais, e exalou um profundo suspiro.

— Ah, no fim, parece que ele não suportou conviver com isso. Que coincidência, estávamos conversando sobre isso agora mesmo, e a prova vem no jornal.

Disse Akechi, passando-me o jornal. Li a seção para a qual ele apontava, um breve artigo com menos de dez linhas estampava uma página interna. A manchete lia-se:

“Dono de loja de rámen local encontrado enforcado; polícia suspeita suicídio”.

Sobre o autor



Edogawa Ranpo (por vezes romanizado como Edogawa Rampo) é o pseudônimo de Hirai Tarou (1894—1965). Foi um crítico literário e autor vital para o desenvolvimento dos gêneros de suspense e mistério no Japão. Sua obra de estreia chama-se *Ni-sen Douka* (A Moeda de Cobre de Dois Sen), já publicada sob seu pseudônimo, na revista *Shin Seinen*.

A origem de seu pseudônimo vem de um autor muito admirado por Ranpo e que, inclusive, serviu-lhe de inspiração para muitos de seus trabalhos: Edgar Allan Poe. Acontece que a pronúncia japonesa do nome de Poe é *Edogaa Aran Poo* e, quando dita rapidamente, é bem similar com o pseudônimo escolhido. Mark Silver, em *Purloined Letters: Cultural Borrowings in Japanese Crime Literature, 1863-1937*, faz uma anotação adicional, entretanto. Os kanjis escolhidos para representar o nome do autor podem significar

“Perambulando embebedado pelo Rio Edo” ou, como prefere,

“Divagações Caóticas”.

Além de Poe, Ranpo era grande fã de mistérios ocidentais e seus autores em geral, por vezes fazendo referências de outras obras em seus trabalhos.

Seu legado é conhecido e apreciado até os dias atuais, tendo recebido adaptações cinematográficas de suas obras, animações, uma estátua na cidade de Nabari (onde o autor nasceu), na província de Mie e até mesmo uma premiação com seu nome: o *Edogawa Ranpo Shou* (Prêmio Edogawa Ranpo), evento anual administrado pela organização Autores de Mistério do Japão e patrocinado pela Kodansha e Fuji TV. O vencedor tem sua obra publicada pela Kodansha e recebe 10.000.000 ienes.

[1]Meias tradicionais japonesas, geralmente utilizadas com chinelos como *geta* e *zori*. [N.T.]

[2]Calçado tradicional japonês feito de madeira que se assemelha a um tamanco ou chinelo. [N.T.]

[3]Espécie de pedra cuja finalidade é o preparo da tinta. [N.T.]

[4]Samurai japonês a serviço do Shogunate (chefe do exército) Tokugawa. [N.T.]

Document Outline

- Parte 1: Os Fatos
- Parte 2: A Dedução
- Sobre o autor
- [1]
- [2]
- [3]
- [4]